

Vozes minoritárias na websérie *Cartas Urbanas* do Coletivo Nigéria em Fortaleza

Minority voices on the webseries Cartas urbanas of the Coletivo Nigéria in Fortaleza

Francisco Sérgio Lima de Sousa

Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará. Possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará (2006). Atualmente é jornalista/assessor de imprensa da Universidade Federal do Ceará. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Comunicação
Email: sergiolsousa@gmail.com

Márcia Vidal Nunes

Graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará (1983), Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (1991) e Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (1998). Atualmente é professora titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, atuando principalmente nos seguintes temas: mídia, cidadania e movimentos sociais.
Email: marciavn@hotmail.com

Submetido em: 22/08/2017

Aceito em: 05/11/2017

DOSSIE

RESUMO

O presente artigo propõe uma análise das construções de sentido feitas por moradores do Grande Bom Jardim, em Fortaleza, sobre a websérie *Cartas urbanas* do Coletivo de audiovisual Nigéria. A produção, lançada em 2016, busca apresentar, em um de seus episódios, a realidade da região em que estes vivem, formada por cinco bairros na periferia da capital cearense. A pesquisa é realizada com base nos trabalhos de Canclini, Martín-Barbero, Sodré, Peruzzo, Lacerda, Migliorin e Castells. A metodologia utilizada é de caráter qualitativo, consistindo num estudo de recepção na perspectiva dos estudos culturais latino-americanos e recorrendo a uma estratégia multimétodos que combina entrevistas em profundidade e análise de conteúdo.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; minorias; coletivos; audiovisual; Grande Bom Jardim.

ABSTRACT

In this text we analyze the constructions of meaning by inhabitants of Grande Bom Jardim, in Fortaleza, vis-à-vis the web series *Cartas urbanas*, made by Coletivo Nigéria, a group of independent audiovisual producers. *Cartas urbanas* seeks to present, in one of its episodes, the reality of this area, formed by five neighborhoods in the periphery of the capital of Ceará State. We rely on the works of Canclini, Martín-Barbero, Sodr , Peruzzo, Lacerda, Migliorin, and Castells. We resort to a qualitative methodology, carrying out a reception study in the perspective of Latin American Cultural Studies with a multimethod strategy which combines in-depth interviews and content analysis.

KEYWORDS: Reception; transmedia storytelling; mobile digital media; Brazilian telenovela; (São Paulo).

1. Introdução

Na tarde de sábado do dia 9 de abril de 2016, dezenas de pessoas se amontoavam numa fila no Centro Cultural Dragão do Mar, maior equipamento cultural público de Fortaleza, para conseguir ingresso para assistir a um documentário que seria exibido ali uma única vez, seguido de um debate. Tratava-se da primeira parte da websérie¹ *Cartas urbanas*, do Coletivo Nigéria. Em três capítulos, cada um com 13 minutos de duração, o filme levantava a discussão do direito à cidade², mostrando relatos de moradores de diferentes bairros da periferia de Fortaleza e os problemas enfrentados por estes em suas localidades.

Os três episódios apresentavam problemas que, de uma forma ou de outra, chegaram a ser pautados pela mídia convencional local. O primeiro fala da ocupação habitacional Trilha do Senhor, no bairro da Aldeota, que foi removida para a passagem de obras da Copa do Mundo de 2014; o segundo trata do Grande Bom Jardim, região que engloba cinco bairros de Fortaleza, em uma área periférica cujos moradores enfrentam o estigma da violência e lutam por condições de vida dignas; por fim, retrata-se, no terceiro deles, o bairro Serviluz, onde os habitantes lutam pela permanência no local, diante de projetos urbanísticos do poder público que objetivam trazer novos usos turísticos àquela região.

O que o *Cartas urbanas* trazia de diferente da mídia convencional era o olhar sobre essas realidades. O objetivo apresentado pelos produtores era apresentar aquelas histórias com foco no que as comunidades afetadas tinham a falar. Na websérie, uma das pessoas da comunidade em questão escreve uma carta na qual conta os problemas de sua localidade sob seu ponto de vista. A missiva é enviada para um morador da comunidade retratada no episódio seguinte e este segue o mesmo processo. Após a leitura da carta, feita pelo próprio autor, outros personagens surgem apresentando suas formas particulares de ver os problemas da comunidade onde vivem. As classes subalternas, ao invés do poder econômico estabelecido, ganham status de protagonistas daquela produção audiovisual.

1 Série composta por diversos episódios que são lançados na Internet.

2 Conceito trazido por Henri Lefebvre em sua obra de 1968, denominada *Le droit à la ville*. Segundo ele, esse direito envolve ideias como demanda por um acesso renovado e transformado à vida urbana.

A websérie é composta, ao todo, por seis episódios. Os demais foram apresentados, no mesmo lugar, quatro meses depois e tratam de temáticas semelhantes, relacionadas à moradia, em diferentes localidades de Fortaleza. A websérie cria uma narrativa que interliga as seis comunidades, trazendo as cartas como recurso simbólico para mostrar a comunicação entre elas.

A produção é uma parceria com o Laboratório de Estudos da Habitação (Lehab), vinculado ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará, o qual foi responsável pelo financiamento do material. Nas discussões realizadas após a exibição dos filmes, estavam à frente os integrantes do Nigéria, do Lehab, e também alguns dos personagens presentes nos vídeos.

Na primeira exibição, Wilbert Santos, morador do Grande Bom Jardim e personagem que escreve a carta relatando os problemas de sua comunidade, estava na plateia. Durante o debate, ele destaca a importância do discurso da afirmação para contrapor a violência simbólica enfrentada por todos os moradores pelo simples fato de viverem naquela região estigmatizada. “Vocês conseguiram captar isso no vídeo”³, disse ele, referindo-se aos produtores do Coletivo Nigéria. “É muito bom ver o Bom Jardim no vídeo, a luta pela ZEIS”⁴, complementa. Ao fim do debate, ele afirmou se sentir contemplado com o resultado apresentado através do episódio, que foi intitulado de Fronteira Esquecida⁵.

Esse episódio representa o ponto de partida do presente artigo, produzido no âmbito de uma pesquisa em andamento que busca compreender as construções de sentido por parte das minorias presentes na websérie *Cartas urbanas* a respeito desta mesma produção. Trabalhamos aqui com a ideia de minoria trazida por Sodré. Segundo o autor, “o conceito de minoria é o de um lugar onde se animam os fluxos de transformação de uma identidade ou de uma relação de poder. Implica uma tomada de posição grupal no interior de uma dinâmica conflitual” (Sodré, 2005, p. 12). O autor recorre a Kant para reforçar sua definição. Segundo o filósofo alemão, maioridade é *Mündigkeit*, que significa a possibilidade de falar. Já menoridade, por sua vez, é *Unmündigkeit*, que está relacionado à impossibilidade da fala. “Menor é aquele que não tem acesso à fala plena” (Idem, 2005, p.11).

3 Fala registrada no dia 19/04/2016, durante exibição da websérie no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura.

4 Fala registrada no dia 19/04/2016, durante exibição da websérie no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. Zonas Especiais de Interesse Social são áreas demarcadas no território de uma cidade para assentamentos habitacionais de população de baixa renda, conforme o que estabelece a Lei complementar nº 062, da Lei do Plano Diretor Participativo de Fortaleza (PDPFor), de 02 de fevereiro de 2009.

5 Episódio disponível na plataforma Vimeo no link: <https://vimeo.com/album/3893619/video/162528659>

A decisão de buscar ouvir os grupos que pouco alcançam voz na grande mídia permeia todo o trabalho do Nigéria, o qual inclui documentários e reportagens que tratam dos mais diversos temas, mas sempre tendo como ponto de partida o conflito. São situações como a luta por moradia, pelo direito à cidade, de índios contra o extermínio, de moradores contra obras do governo, entre diversas outras histórias.

O Nigéria foi criado em 2010. É uma produtora de audiovisual que tem como foco de suas produções os movimentos sociais e as lutas de grupos subalternizados. Em sete anos de atuação já foram mais de 15 produções realizadas.

Formado atualmente por três jornalistas, Yargo Gurjão, Bruno Xavier e Roger Pires, o coletivo tem claramente definido um posicionamento afinado às lutas sociais em todos os seus trabalhos, como afirma Gurjão: “nós temos uma independência na escolha de nossos temas. Mas temos como objetivo empoderar os movimentos sociais”⁶. A decisão por tomar partido ao contar as histórias é bem clara. Não há uma pretensão de busca por imparcialidade. Por mais que o “outro lado” seja apresentado, é a voz dos subalternos que é destacada, esta que guia as narrativas.

Yargo Gurjão defende que o objetivo das produções do grupo é dar espaço a vozes silenciadas pela grande mídia e relegadas, em seus direitos, pelo poder público. Segundo ele, por meio dessas produções audiovisuais, intentam criar espaços de visibilidade para as minorias e lutar pela democratização da comunicação.

A busca incessante é por visibilidade. No mundo globalizado, ter visibilidade tornou-se imprescindível aos movimentos, pois, como destaca Lacerda, “na era da globalização, não basta realizar atividades concretas de cidadania: é preciso estar presente no imaginário social” (Lacerda, 2002, p. 91). Castells reforça esta discussão afirmando que “tudo que fica fora do alcance da mídia assume a condição de marginalidade política” (Castells, 1999, p. 368).

De que forma, portanto, estes objetivos apresentados se encontram no *Cartas urbanas*? Este artigo se aprofunda sobre a discussão presente no episódio *Fronteira Esquecida*, para analisar como os moradores do Grande Bom Jardim se veem nesta produção audiovisual, como eles a recebem, como a interpretam e como se apropriam desse material.

6 Entrevista concedida aos autores em 21/07/2016.

2. Uma Nova Mídia Em Uma Nova Realidade

A existência de veículos de comunicação no Brasil que trazem em seu bojo a intenção de trazer um posicionamento contra-hegemônico, voltado a dar voz aos grupos subalternos e a tratar de temas da atualidade de forma mais questionadora remonta, conforme pontua Peruzzo (2013), à década de 1970, durante o período do regime militar, por meio da imprensa alternativa. A realidade da repressão ditatorial não é mais vivenciada no Brasil, e essa comunicação vinculada à prática de movimentos coletivos ganhou outras formas:

Com o passar do tempo se reinventa, muda o caráter combativo, mas continua se caracterizando como independente de governos e empresas e não se alinhando ao modo de operar dos grandes meios de comunicação, na sua lógica de mercado e como sistema burocrático. Mantém também seu caráter não aderente aos interesses ideológicos e políticos das classes dominantes. Parece não querer derrubar governos, mas exercitar a liberdade de expressão em favor do interesse público. (Peruzzo, 2013, p. 90).

O Nigéria se encaixa nessa definição trazida por Peruzzo. Definindo-se como um coletivo de audiovisual, o grupo está inserido em um recente rol de mídias não-convencionais que têm lançado mão de instrumentos contemporâneos de comunicação para ganhar espaço e repercussão.

Conforme Migliorin, um coletivo é “um centro de convergência de pessoas e práticas, mas também de trocas e mutações”, formado “não de certo número de pessoas com ideais comuns, mas de um bloco de interesses, afetos, diálogos, experiências aos quais certo número de pessoas adere, reafirmando e transformando esse mesmo bloco” (Migliorin, 2012, p. 2). Esse agrupamento traz como característica uma relação entre os membros não institucionalizada por meio de contrato ou de uma posição na cadeia produtiva. Os membros buscam uma horizontalidade na ação, rejeitando hierarquias.

Os integrantes do Nigéria afirmam se identificar com este modelo, como defende Yargo Gurjão: “a gente não se comporta como uma empresa porque a gente nega trabalho. A gente tem uma linha

editorial, sabe? A gente tem uma linha política e não abre mão. E, por conta disso, não existem cargos aqui, somos nós”7.

O Nigéria vale-se das mídias sociais para divulgar suas produções e criar espaços de interação com os internautas. No caso do *Cartas urbanas*, o Coletivo utilizou-se da rede social Facebook para, reiteradamente, reforçar a divulgação dos dois lançamentos dos episódios da websérie. Trailers eram apresentados nessa plataforma e no Youtube.

É também por meio das mídias sociais que o coletivo alcança espaço, inclusive, em meios convencionais, como jornais de grande circulação e até salas de cinema. Vários documentários do coletivo alcançaram repercussão na grande mídia local e nacional, ganhando notícias e resenhas nesses veículos.

3. As Minorias Como Protagonistas

O filósofo e sociólogo colombiano Martín-Barbero, na década de 1990, levantou uma questão importante sobre os estudos de comunicação: em vez de, como tanto se fez no passado, perguntar-se o que os meios fazem com as pessoas, ele se questionou o que as pessoas fazem com os meios.

Para o autor, o receptor da mensagem não é somente o indivíduo que a recebe, mas aquele com capacidade de participar do processo de comunicação, associando ao que foi dito suas próprias interpretações construídas por meio do complexo espaço de experiências deste indivíduo. “O eixo do debate deve se deslocar dos meios para as mediações, isto é, para as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade de matrizes culturais” (Martín-Barbero, 1997, p. 55).

Para ele, o receptor “não é um simples decodificador daquilo que o emissor depositou na mensagem, mas também um produtor” (Martín-Barbero, 1997, p. 287). É à luz deste modelo de Martín-Barbero que pretendemos analisar o papel de protagonista das minorias no processo comunicativo na websérie *Cartas urbanas*. Não somente como protagonistas na produção de sentido das mensagens

7 Entrevista concedida no dia 21/07/2016.

mediáticas, mas na produção de novas mensagens por meio de uma mídia alternativa que se proponha a lhes permitir voz e visibilidade.

4. As Cartas e o Direito à Cidade

Ao expor, entre diversas problemáticas, casos de irregularidade fundiária, falta de acesso a serviços básicos e ausência de políticas públicas em comunidades de Fortaleza, a websérie *Cartas urbanas* lança uma questão aos seus entrevistados e, para além destes, aos espectadores do vídeo: “você tem direito à Cidade?”.

A websérie integra o projeto “Direito à Cidade: Fortaleza”, desenvolvido desde 2014 pelo Laboratório de Estudos da Habitação (Lehab), da Universidade Federal do Ceará. Trata-se de uma pesquisa que estuda estratégias e instrumentos de planejamento e regulação urbanística voltados à implementação do direito à moradia e à cidade e que vem sendo desenvolvida com outros grupos de pesquisa em São Paulo e no Rio de Janeiro.

O conceito de direito à cidade, que foi trazido por Henri Lefebvre na década de 1960, foi incorporado à lei federal brasileira em 2001, no Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257). O sociólogo francês traz esse conceito como um direito de não exclusão da sociedade urbana das qualidades e benefícios da cidade. Ele exige o direito à cidade como uma recuperação coletiva do espaço urbano por grupos marginalizados que vivem nos distritos periféricos da cidade. “O direito à Cidade não pode ser concebido como um simples direito de visita ou de retorno às cidades tradicionais. Só pode ser formulado como direito à vida urbana, transformada, renovada” (Lefebvre, 2001, pp. 117-118).

O autor questiona os novos usos da cidade:

A cidade historicamente formada não vive mais, não é mais apreendida praticamente. Não é mais do que um objeto de consumo cultural para os turistas e para o esteticismo, ávidos de espetáculos e do pitoresco. Mesmo para aqueles que procuram compreendê-la calorosamente, a cidade está morta (Lefebvre, 2001, p. 106).

Essa discussão da cidade para se ver e não para se viver, a cidade para o turista, como mercadoria, e não para sua própria população, é retomada por diversas vezes no *Cartas urbanas*, tanto pelos moradores das comunidades retratadas como pelos pesquisadores do Lehab. A exemplo de Meire, moradora do bairro Serviluz, no episódio denominado Paraíso Segregado:

O que querem fazer vizinho ao porto [a comunidade fica ao lado de um porto de cargas e passageiros] não é pra favorecer a comunidade, mas pros turistas, que vêm aqui só por duas horas, uma hora. E, quando o povo vai pra rua e reivindica, eu quero deixar essa declaração para o povo de Fortaleza, que a gente vai pra rua não é porque somos baderneiros, só pra destruir. Não, a gente vai com idealismo.⁸

As ideias de Lefebvre, que dão a tônica dos debates do documentário em questão, além de terem sido amplamente mobilizadas nas áreas de geografia e planejamento urbano ao redor do mundo, tornaram-se slogan de muitos movimentos sociais, a exemplo do movimento de moradores de barracos Abahlali base Mjondolo, na África do Sul; da Right to the City Alliance, uma aliança de mais 45 organizações nos Estados Unidos contra o deslocamento de pessoas motivado pela gentrificação; do Recht auf Stadt, uma rede de *squatters* (posseiros), inquilinos e artistas em Hamburgo; entre vários outros movimentos na Ásia e América Latina.

5. A Escolha Metodológica

A tradição da pesquisa em comunicação, até os anos 1970, foi a de focar os estudos nas mensagens e na emissão, buscando sempre correntes metodológicas tais como semiótica, análise do discurso e análise de conteúdo para alcançar estes resultados (Oliveira, 2014). No presente trabalho, proponho seguir um novo trajeto, mais recente, que abriu espaço para estudos de recepção neste campo do conhecimento, permitindo realizar observações sobre as apropriações e construções de

⁸ Transcrição de declaração do episódio Paraíso Segregado, do *Cartas urbanas*, disponível em: <https://vimeo.com/album/3893619/video/162626662>

sentido por parte do sujeito receptor.

A mensagem, enquanto texto, traz proposições que necessariamente podem ou não corresponder às leituras e interpretações dos sujeitos que se apropriam destas. A pesquisa de recepção também solicitou uma inserção do pesquisador em campo e uma aproximação maior deste com os sujeitos pesquisados durante o processo de investigação (Oliveira, 2014, p. 25).

No trabalho de campo, realizamos entrevistas em profundidade com os personagens da comunidade do Grande Bom Jardim, com o objetivo de conhecer suas histórias de vida e entender o seu lugar de fala. Foram feitas exibições do filme em sua companhia, com posterior conversa sobre como se deu a recepção dessas produções. Buscamos analisar estas vozes de um ponto de vista sociocultural, levando em consideração o lugar de onde elas vêm e as relações de subordinação que lhes foram impostas, pois, como reflete Martín-Barbero:

O reconhecimento desse conhecimento é, na teoria e na prática, o surgimento de uma nova sensibilidade política, não instrumental nem finalista, aberta tanto à institucionalidade quanto à cotidianidade, à subjetivação dos atores sociais e à multiplicidade de solidariedades que operam simultaneamente em nossa sociedade. E de uma linguagem que procura dizer da imbricação na economia da produção simbólica e da política na cultura sem se restringir a uma operação dialética, já que mistura saberes e sentires, seduções e resistências que a dialética desconhece (Martín-Barbero, 1997, p. 259).

Os estudos culturais latino-americanos propõem essa teoria, que vem imbricada com a temática das classes populares. É nesta linha que se desenvolve esta pesquisa.

6. O Grande Bom Jardim e Suas Problemáticas

Se fosse um município, o Grande Bom Jardim seria o terceiro maior do Estado do Ceará em densidade populacional, com mais de 200 mil habitantes somados nos cinco bairros que o compõem. Pobre e periférica, a região se originou de ocupações irregulares e, ao longo dos anos, foi acumulando

uma série de problemas estruturais que não foram solucionados pelo Município ou pelo Estado, o que explica as precárias condições de habitabilidade atuais.

Com a implantação de diversos conjuntos habitacionais na área ao longo dos últimos anos, o Grande Bom Jardim viu a demanda por serviços públicos se multiplicar. A questão, inclusive, é discutida pela professora de Arquitetura e Urbanismo da UFC, Clarissa Freitas, no episódio “Fronteira esquecida” da websérie *Cartas urbanas*:

É uma área já com deficiência de infraestrutura e equipamentos, que tem recebido uma demanda maior que tem pressionado as redes existentes que já eram deficientes, de mobilidade, inclusive. É o caminhão do lixo que não entra porque as vias são pequenas e agora está se produzindo muito mais lixo lá. É o esgoto, o ônibus, não se amplia a linha do ônibus.⁹

O Grande Bom Jardim é um símbolo da pobreza e do descaso do poder público em Fortaleza. Estudo divulgado em 2012 pelo Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (Ipece)¹⁰ mostra que os cinco bairros que compõem esta região se colocam no ranking dos 10 mais pobres da cidade. Enquanto a renda média mensal das pessoas com 10 anos ou mais que moram no bairro Meireles, primeiro colocado na lista, era de R\$ 3.659,54, no Canindezinho, antepenúltimo no ranking, era de apenas R\$ 325,47, isto é, 11 vezes menor.

Essa pobreza se reflete nos índices de violência na região. O Grande Bom Jardim é uma área estigmatizada pelo número sempre elevado de homicídios, especialmente entre jovens. Dominados pelo tráfico de drogas, estes bairros sofrem com o extermínio diário de sua juventude.

Juntamente com a pobreza e a violência, a população do Grande Bom Jardim convive com uma série de problemas de infraestrutura, com destaque para a falta de saneamento básico em diversos territórios. A juventude também reclama da falta de políticas públicas para este segmento da sociedade, que poderiam contribuir para a redução dos índices de marginalidade no território.

9 Transcrição de declaração do episódio Fronteira Esquecida, do *Cartas urbanas*, disponível em: <https://vimeo.com/album/3893619/video/162528659>.

10 Estudo pode ser conferido no link: <http://www.ipece.ce.gov.br/informe/informe%2042-ultimaversao.pdf>.

Diante de tantas adversidades, a população destes cinco bairros é reconhecidamente ativa em mobilizações sociais. De dentro dela, na busca por melhores condições de vida, surgiu a luta pela criação da Zona Especial de Interesse Social (Zeis) do Grande Bom Jardim. Com a implantação do instrumento, os moradores esperam resguardar o acesso à terra urbanizada, à segurança na posse e o direito à moradia adequada e com equipamentos sociais satisfatórios. A Zeis do Bom Jardim, contudo, ainda não foi oficializada pelo poder público municipal. Esta é a questão central do episódio Fronteira Esquecida, da websérie *Cartas urbanas*.

7. O Que As Minorias Têm A Dizer?

O título dado ao episódio sobre o Grande Bom Jardim, Fronteira Esquecida, traz um significado que abriga duas ideias fortes e recorrentes entre os moradores da região sobre o lugar onde vivem. A palavra fronteira traz a ideia do distanciamento do centro, das margens, do que já está quase fora do alcance. Essa noção é trazida nas falas dos personagens no vídeo, como na de Raelly Pereira: “dentro da comunidade existem pessoas de bem, existem pessoas que saem todo dia de sua casa para trabalhar, que pagam seus impostos, normal, como qualquer outra pessoa que mora lá num condomínio da Beira-Mar, entendeu?”¹¹.

Ao falar “lá num condomínio da Beira-Mar”¹², Raelly traz em seu discurso a ideia do distanciamento, do longínquo. Ela observa o local onde vive como a fronteira citada no título do episódio. E, além de distante, essa fronteira também é esquecida. Este é o adjetivo mais citado pelos moradores no vídeo. “Aqui é esquecido. Aqui, se perguntar: ‘Onde você mora?’ ‘No Bom Jardim!’ ‘Vixe!’”¹³. Esta fala de Seu Dedé reproduz a noção que a sociedade de Fortaleza tem a respeito do Grande Bom Jardim. A interjeição “vixe” indica espanto, medo até. Pelo esquecimento da região pelo poder público, a área se tornou estigmatizada pela pobreza e pela violência, gerando receio por parte de moradores de outras localidades em se deslocarem para lá.

11 Transcrição de declaração do episódio Fronteira Esquecida, do Cartas urbanas, disponível em: <https://vimeo.com/album/3893619/video/162528659>

12 Idem.

13 Ibidem.

Para compreender como os moradores que participaram do vídeo “Fronteira esquecida” — que aqui chamo de “minorias” — receberam esta produção e como construíram sentidos a respeito dela, fomos às comunidades do Grande Bom Jardim para rever com eles o episódio, entrevistá-los sobre a websérie e conversar sobre suas histórias de vida, para entender o seu lugar de fala.

O primeiro entrevistado foi Wilbert Santos, de 19 anos¹⁴. A seu pedido, o encontro foi realizado no Centro Cultural Bom Jardim, equipamento que possui forte valor simbólico para ele, que é produtor cultural e teve boa parte de sua história de militância política relacionada a esse ambiente. O jovem é quem abre o episódio, lendo a carta que escreveu na qual relata, sob seu ponto de vista, a realidade do Grande Bom Jardim.

Olá, me chamo Wilbert, tenho 18 anos, moro no Grande Bom Jardim, mais precisamente na comunidade do Siqueira, o bairro que faz fronteira com o município de Maracanaú. Na minha periferia, existem cerca de 204 mil habitantes, na qual quase 50% são jovens, que enfrentam a violência diariamente. Na rua que moro consta na teoria que já está asfaltada, enquanto na prática nem mesmo o calçamento se tem.¹⁵

Em sua carta, Wilbert ressalta que metade da população da região é composta por jovens. A discussão da juventude é a mais presente na sua fala, em que afirma ser esta sua principal bandeira de militância política.

Na época em que gravou a entrevista com o Nigéria, Wilbert morava com sua avó no Siqueira, bairro que compõe o Grande Bom Jardim. Depois de ter vivido toda sua vida no Grande Bom Jardim, hoje mora no bairro Conjunto Esperança, também periférico, com sua mãe, ainda que frequente o antigo bairro a trabalho, a lazer e para visitar a avó. A sua saída deveu-se ao risco da violência urbana por lá. Como se locomove de bicicleta pela cidade e sempre volta tarde do trabalho para casa, tinha medo. Já que, segundo ele, “sete da noite não tem mais ninguém na rua”.

O problema da violência esteve presente em outros momentos em sua vida no bairro. Aos sete

14 Entrevista realizada no dia 2 de fevereiro de 2017.

15 Transcrição de declaração do episódio Fronteira Esquecida, do *Cartas urbanas*, disponível em: <https://vimeo.com/album/3893619/video/162528659>

anos, Wilbert entrou no projeto Sim à Vida e Não às Drogas, desenvolvido pela organização Movimento de Saúde Mental Comunitário, do próprio bairro Siqueira, e financiado por uma instituição internacional. O projeto oferecia atividades diárias, de segunda a sexta-feira, como relaxamento, flauta, capoeira, lazer, entre outras. Ele passou sete anos de sua vida participando destas atividades. Eram, informa, 40 meninos e cerca de 30 meninas. “E dessa galera todinha dos homens, apenas 12 estão vivos. E o que era mais próximo a mim acabou de ser preso de novo”¹⁶, afirma.

Então eu venho de uma realidade que eu me sobressaí graças à arte. E graças à família que ficava aqui, direto, no pulso, dizendo: ‘Ó, isso aqui é o certo, isso aqui é o errado, isso aqui é o certo, isso aqui é o errado’. Então, graças às iniciativas e à minha família, eu não segui a triste história de vários jovens que foram assassinados pelo tráfico de drogas.¹⁷

Apesar da presença constante da violência em sua história, esse não é o principal problema apontado pelo jovem no Grande Bom Jardim. Para ele, a falta de políticas públicas para a juventude é a maior dificuldade. Esta seria a causa da marginalidade, porque ali os jovens teriam negado o seu direito à cultura, à educação, ao lazer, o direito de ir e vir, o seu direito à cidade de uma forma mais ampla.

Wilbert já havia visto o “Fronteira esquecida” duas vezes, sendo uma no lançamento, no Centro Cultural Dragão do Mar. Questionado sobre o resultado, no vídeo, do processo que tinha ajudado a construir através da entrevista e da produção da carta, ele afirma que o episódio foi fiel à realidade da região e às lutas empreendidas pelos moradores.

(...) fiel ao ponto de retratar o que a gente sempre fala. Por exemplo, as lutas da cidade. São sempre os mesmos coletivos, sempre os mesmos projetos, sempre as mesmas pessoas, são sempre os mesmos batuques, sempre os mesmos sons, mas a gente não consegue falar de luta da cidade de uma forma mais ampla. (...) E aí, ser retratado isso de uma forma de audiovisual, é pra escancarar pra cidade o que a gente vem fazendo e que as pessoas parecem não querer escutar, entende? Então, o *Cartas urbanas*, pra mim, ele retrata isso. Por exemplo, a luta da comunidade dos Trilhos eu não conhecia. De forma alguma. Eu tinha noção de

16 Entrevista realizada no dia 2 de fevereiro de 2017.

17 Idem.

quantas pessoas tinham sido colocadas pra fora, no processo da Copa e tudo o mais, mas eu ainda não tinha noção da quantidade de pessoas que ainda moram ali debaixo daquele trilho que não têm o direito da casa, né? Então, isso é um intercâmbio. Conhecer a realidade do outro é entender que a realidade dele não é diferente da minha.¹⁸

Wilbert afirma que, após o lançamento, o vídeo foi bastante discutido no Grande Bom Jardim entre os movimentos sociais atuantes na região. Todavia, fora do ambiente dos movimentos, ele não sabe afirmar se o vídeo repercutiu nas comunidades que formam o território. Para ele, entretanto, o fato de o vídeo ser exibido no Centro Dragão do Mar permitiu uma maior visibilidade da realidade do Bom Jardim para uma parcela mais ampla da sociedade. Para ele, a partir daquelas pessoas, essas discussões ganham outros espaços, inclusive entre aqueles que trabalham com políticas públicas. “Ter o vídeo do Nigéria ao nosso favor é a perspectiva de que a gente não tá só na cidade. E aí a gente aumenta a nossa vontade de lutar, sabendo que a gente não tá lutando só pelo Bom Jardim, a gente tá lutando por uma cidade que seja igualitária, né?”¹⁹, reflete.

O segundo entrevistado foi Seu Dedé, de 54 anos²⁰. Natural do município cearense de Boa Viagem, viveu até os 12 anos por lá, depois seguindo a morar em diversas cidades brasileiras, passando pelos estados do Pará, Mato Grosso e Amazonas, até se estabelecer, entre os anos 2004 e 2005, em Fortaleza, no bairro Canindezinho, no Grande Bom Jardim, onde seus irmãos já habitavam. Ao chegar, ocupou-se como gari. Passou nove anos nesse ofício até começar a trabalhar como catador de materiais recicláveis.

A entrevista foi realizada na comunidade onde mora, conhecida por Nova Canudos, uma ocupação antiga, que soma cinco ou seis ruas em uma área carente de serviços públicos básicos, como saneamento. Pelas ruas não asfaltadas correm esgotos a céu aberto dividindo o espaço com crianças que brincam descalças. “O que mais incomoda pra gente aqui é o saneamento básico. É a primeira coisa, que dá muita hanseníase, dá muita criança doente. É uma coisa que a gente fica batendo na tecla direto e a gente não tá conseguindo”²¹, reclama Seu Dedé.

18 Ibidem.

19 Ibidem.

20 Entrevista concedida em 06/02/2017.

21 Idem.

Sentamos para conversar na sede do Centro de Cidadania e Valorização Humana (CCVH), instituição sem fins lucrativos instalada desde 2002 na comunidade que desenvolve atividades e ações nas áreas de educação, cultura, assistência, saúde e pesquisa. “Comecei o processo como catador aqui nessa casa. Nós é em 11”22, conta. Seu Dedé já havia visto o vídeo “Fronteira esquecida” uma vez, no dia do lançamento no Centro Dragão do Mar. Sentamos e vimos mais uma vez o vídeo. Em sua fala no documentário, ele reclama do descaso com a região, que só seria procurada por políticos em períodos eleitorais.

Aqui é só na época da política. Na época da política tem vereador, tem deputado, tem tudo pra falar com a gente aqui, pegar na mão. O menino tá com a mão toda suja, ele beija o menino, agarra o menino, nem que lave as mãos com álcool na hora que entra no carro dele, mas faz isso.²³

Seu Dedé é figura conhecida na comunidade por estar envolvido em todas as principais lutas da região. Ao caminharmos pelas ruas, todos o cumprimentam e perguntam sobre o avanço das negociações com o poder público: “E aí, vai ter médico novo mesmo no posto? Já chegou?” — questiona uma moradora. Dedé participa da Rede de Desenvolvimento Local e Integral Sustentável do Grande Bom Jardim (Rede DLIS), que reúne 35 entidades. Foi por sua militância através da rede que ele foi procurado pelos integrantes do Nigéria para participar do Cartas urbanas.

Sobre a websérie, ele afirma: “eu acho que foi um trabalho muito bem feito que nós fizemos pra gente... pro poder público reconhecer que a gente não tá parado, né? Que a gente já luta muito e não vê resultado, um resultado muito pouco do bairro, que é um bairro muito esquecido”²⁴. Segundo ele, o vídeo mostra “a realidade todinha do bairro”.

As lutas políticas encampadas por Seu Dedé são diversas, tendo ele, juntamente com um grupo organizado no CCVH, realizado inclusive um levantamento na comunidade sobre as condições de moradia dos habitantes. “Nós fizemos uma pesquisa, deu 200 casas que não tem banheiro, meu amigo.

22 Ibidem.

23 Transcrição de declaração do episódio Fronteira Esquecida, do *Cartas urbanas*, disponível em: <https://vimeo.com/album/3893619/video/162528659>.

24 Entrevista concedida em 06/02/2017.

Casa pequena demais, não tem banheiro, não tem nada”²⁵. Do levantamento, fizeram um documento que foi levado à Prefeitura. “Nós mandamos pra lá e não tá resolvendo nada”²⁶.

De todas as lutas, a principal, segundo ele, é a briga pela implantação da Zeis do Grande Bom Jardim. Ele acredita que a concretização da zona traria melhorias que permitiriam condições dignas de vida na região:

A gente espera que melhore, sobre o saneamento básico, sobre moradia, sobre o documento da casa, que hoje aqui ninguém tem documento de casa não. Só compra e venda. É um papel que não conta. Como é que você vai dizer que a casa é sua se você não tem o documento da casa? Tem muito tempo que eu trabalho aqui nessa área.²⁷

Vivendo com sua mulher na comunidade, Seu Dedé briga por um balcão onde possa, ele e seus colegas catadores, armazenar o material recolhido. Diz que gosta do Grande Bom Jardim e que não sairá mais de lá. Defende como sonho uma realização coletiva: “o meu sonho é ver essa comunidade aqui, que é uma comunidade sofrida muito, com saneamento básico, uma coisa mais... uma luta que a gente faça e que o pessoal reconheça que a gente tá lutando, né?”²⁸, diz.

Seu Dedé me levou, no mesmo dia, até Raelly Pereira, de 31 anos. Ela também mora na comunidade de Nova Canudos e foi uma das personagens do episódio “Fronteira esquecida”. Dona de casa, mãe de um filho de três anos, ela nos recebeu quando cuidava deste, da casa, do almoço e de uma sobrinha, pouco mais velha que o seu. Pôs desenho animado para eles se entreterem e conversou comigo na sala, na companhia também de Seu Dedé. Ela já tinha visto o vídeo quando alguém lhe mostrou no computador. Assistiu, então, mais uma vez.

Raelly chegou a se envolver em lutas comunitárias através do Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza (CDVHS)²⁹, que está presente no bairro. Uma delas foi pela reativação do posto de saúde que se localiza dentro da comunidade:

25 Idem.

26 Ibidem.

27 Ibidem.

28 Ibidem.

29 Organização não governamental que trabalha junto a comunidades carentes na promoção dos direitos humanos, capacitação para a cidadania, programa de renda mínima, assistência à criança e ao adolescente, educação, cultura e conscientização política.

Decidiram (a Prefeitura) que o posto ia ser fechado porque não tinha estrutura pra demanda, e a comunidade não aceitou porque, aos nossos olhos, é o único tesouro que nós temos aqui dentro, infelizmente. A gente não tem mais nada, você não tem saneamento, não tem asfalto, não tem casa de moradia, aqui tem gente que não tem banheiro, né? Então, é uma coisa muito esquecida. Aí, se tirasse o posto de saúde daqui era como se apagasse literalmente a Nova Canudos específico do mapa.³⁰

No vídeo do *Cartas urbanas*, Raelly fala do estigma do Grande Bom Jardim, mais especificamente sobre a comunidade Nova Canudos. “E aí, quando eu vim pra cá, eu tinha um receio muito grande porque era tachado como um lugar perigoso e tudo. E depois que eu vim pra cá foi que eu consegui enxergar que não era aquilo que as pessoas rotulavam, né?”³¹

Raelly viveu toda sua vida no Canindezinho e, há cinco anos, passou a morar na comunidade Nova Canudos. “Eu tinha esse pensamento: ‘ali é a favela! Marrocos é a parte da exclusão mesmo, é como se tivesse pegado só os bons do Canindezinho e colocado nas casas boas, asfaltado, e tivesse pegado o restante e jogado ali, porque é uma ocupação”³². Ao passar a viver na comunidade, começou a ter uma outra visão sobre o local e a ter que enfrentar a resistência de sua própria família, que queria que ela saísse de lá. “Os políticos, eles têm que chegar na favela, as coisas têm que acontecer na periferia. Se todo mundo pensasse: ‘ah, isso aqui é uma favela, eu vou sair daqui’, isso aqui ia ficar desocupado. Não é você sair de dentro da periferia, é as coisas acontecerem dentro da periferia”³³, defende.

Ao ser questionada sobre o que achou no vídeo, Raelly diz: “Assim, ficou muito bom! Mas isso chega aos olhos dos nossos governantes? Ou isso fica dentro da UFC [Universidade Federal do Ceará]?”³⁴ Ela reflete que a comunidade é muito procurada pela mídia através de programas policiais. “Eles gostam muito de colocar você mais ainda como miseráveis, aí colocam só o que é podre na TV, e a gente gosta de ver na televisão o que tá errado e o que pode ser mudado”³⁵, analisa.

30 Entrevista concedida em 06/02/2017.

31 Transcrição de declaração do episódio Fronteira Esquecida, do *Cartas urbanas*, disponível em: <https://vimeo.com/album/3893619/video/162528659>.

32 Entrevista concedida em 06/02/2017.

33 Idem.

34 Ibidem.

35 Ibidem.

E aí chega às vezes as pessoas na sua casa e: “vamos fazer um documentário, vamos fazer uma reportagem, vamos fazer isso, aquilo outro?” Mas vem pra somar? Vai chegar aos nossos governantes? Alguém vai fazer alguma coisa? Alguém do poder político tá vendo isso aqui, essa reportagem? (Raelly, entrevista, 6/2/2017).

Raelly acredita que documentários como o *Cartas urbanas* podem contribuir para trazer ao debate público a situação de descaso na qual vive a sua comunidade. Através dessa visibilidade, chegando o debate ao poder público, ela crê que medidas podem ser tomadas, que ações podem vir a ser realizadas em prol do bairro.

Ela diz não ver muita mudança ocorrer no bairro. Ela espera que o vídeo tenha chegado aos governantes ou a pessoas que possam se sensibilizar e se somar na luta pela melhoria da comunidade.

Porque quando a gente vai pras lutas, com relação a comunidades, periferia, a gente precisa de representantes. E aí é um aluno de uma faculdade que tem um conhecimento mais aberto, é o representante ali político que esteja disposto a lutar pelo povo, ou é alguém de uma liderança de uma comunidade, é um orador que já vive ali na comunidade há muito tempo, e a gente gosta de trazer pessoas que venham somar e saibam brigar, né?³⁶

Com marido cursando ensino superior e estudando para concurso público, Raelly acredita na possibilidade de melhoria de suas condições de vida. Todavia, não tem a intenção de sair da comunidade, mas de reformar sua casa e continuar ali. “Eu gosto das pessoas que moram aqui, dos meus vizinhos. Agora, eu quero melhorias pro meu bairro. Eu gostaria que o Canindezinho, o Grande Bom Jardim, as periferias de um modo geral, tivessem melhorias.”³⁷ A visão de coletividade é muito forte nos sonhos construídos por ela, característica que pôde ser observada também em Wilbert Santos e em Seu Dedé. São três pessoas de gerações diferentes, mas com ambições semelhantes em relação à comunidade em que vivem.

36 Ibidem.

37 Ibidem.

8. Conclusão

A periferia do Grande Bom Jardim está acostumada a se ver na televisão, mas através de programas policiais apenas. A exposição da região na mídia, da forma como veio e vem sendo feita, contribuiu para a consolidação de um estigma relacionado à violência e à pobreza, problemas que, de fato, existem e incomodam os moradores da região. Estes, contudo, reivindicam outros espaços e olhares sobre o bairro em que vivem. Eles reivindicam a oportunidade de serem lembrados pelo poder público, de deixarem de ser uma “fronteira esquecida”.

O documentário *Cartas urbanas*, propondo-se a trazer estas comunidades que pouco têm voz ao centro da discussão foi, para os personagens entrevistados neste trabalho, um espaço de reivindicação no qual eles acreditavam que poderiam ser vistos de outra forma. Acreditavam que a visibilidade pudesse abrir portas para a solução de alguns de seus problemas.

Não há um consenso entre eles de que o vídeo tenha gerado mudanças na comunidade. Também o mesmo não vem sendo utilizado como instrumento pelos movimentos sociais do bairro para ajudar a defender suas bandeiras. Por outro lado, os entrevistados compreendem que ele retratou de forma fidedigna os problemas e reivindicações dos moradores e que ajudou a apresentar as comunidades do Grande Bom Jardim de forma mais fiel àqueles que não conheciam a realidade da região. Isso, segundo eles, contribuiu para o reconhecimento de suas lutas por parte da sociedade cearense e diante do poder público.

Referências bibliográficas

- CANCLINI, Néstor García. *Leitores, espectadores e internauta*. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- _____. “Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação”. In: *Opinião Pública*, Campinas, v. 8, n. 1, pp. 40-53, 2002.

CASTELLS, Manoel. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.

ECOSTEGUY, Ana Carolina. "Estudos Culturais: Uma introdução". In: JOHNSON, Richard; ECOSTEGUY, Ana Carolina; SCHULMAN, Norma; SILVA, Thomas Tadeu da. *O que é, afinal, estudos culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 133-166.

LACERDA, Juciano de Sousa. "A internet na gestão dos movimentos sociais: estudo de caso das estratégias discursivas da Rede Brasileira de Comunicadores Solidários à Criança". In: COGO, D. KAPLUN, G. PERUZZO, C. *Comunicação e movimentos populares: quais redes?* São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2002.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MIGLIORIN, Cezar. "O que é um coletivo". In: Liv & Ingmar, Teia, *Dizer o Indizível*. Rio de Janeiro, dez., 2012.

OLIVEIRA, Catarina Farias de. *Comunicação, recepção e memória no Movimento Sem Terra: etnografia do assentamento*. Itapuí/RS. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

PERUZZO, Cíclia Maria Krohling. Comunicação nos Movimentos populares: a participação na construção da Cidadania. Editora Vozes, Rio de Janeiro, 1998.

____. "Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que 'o gigante acordou' (?)". In: Revista Matrizes (online), v. 7, n. 2, 2013, pp. 73-93.

SODRÉ, Muniz Araújo Cabral. "Por um conceito de Minoria". In: BARBALHO, Alexandre; PAIVA, Raquel. (Org.). Comunicação e Cultura das Minorias. 1º ed. São Paulo: Paulus, 2005.